



Desmistificando o autismo:

A história do menino Neyzinho

Reportagem - **Wender Gomes** | Fotos - **Mirni Freitas**

Já imaginou um barco à deriva, sem rumo, enfrentando tempestades? Assim era definida a jornada de Anna Carla e Ney Augusto para descobrir o Transtorno do Espectro Austista (TEA) no filho Neyzinho, hoje com três anos. A dificuldade do diagnóstico foi apenas o começo. "Com dois meses Neyzinho já fez a primeira ultra e foi nesse momento que se percebeu que ele tinha uma estenose, uma dilatação ventricular cerebral que poderia acarretar um quadro de hidrocefalia, causando alguns danos físicos e neurológicos. Como o crescimento ventricular não acarretou a presença de líquido acumulado, não gerou a hidrocefalia e a vida seguiu", conta a mãe.

O tempo passou. E foi observando o filho que os pais decidiram procurar profissionais para entender certos comportamentos. "No primeiro ano de vida, fomos percebendo que Neyzinho não atingia todos os marcos de desenvolvimento. Como mãe, uma das coisas mais visíveis era a direção do olhar. Às vezes, ele passava pelas pessoas da família

e parecia que não as notava em sua volta", explica Anna Carla. "Notamos questões como falta de bater palmas, ausência da comunicação verbal e seletividade alimentar. Os médicos achavam que era falta de estímulo", completa o pai Ney Augusto.

Anna Carla conta que as barreiras para chegar ao diagnóstico foram inúmeras. Segundo ela, muitos médicos ainda não se atualizaram na sondagem dos sinais. "Muitos profissionais diziam que o Neyzinho tinha Atraso Global do Desenvolvimento em decorrência da pandemia. Outros, em decorrência da estenose. Chegamos a ir ao geneticista que disse que era deficiência mental. Nunca diziam que era autismo. A nossa preocupação não era caracterizar o nosso filho de alguma forma, mas sim dar o tratamento adequado", explica.

O casal procurou quase 10 profissionais, entre fonoaudiólogos, psicólogos, pediatras, neurocirurgiões e neuropediatras, enfrentando situações delicadas. "Cheguei a ouvir de uma neuropediatra que eu estava procurando "pêlo em

ovo". Até me confortava, de certa maneira, ouvir isso de pessoas que tanto estudaram. Mas aquilo virava um verdadeiro conflito dentro de mim", desabafa Anna.

O pai de Neyzinho relata que "todos os médicos falavam que ele ia se desenvolver com o tempo. Mas, o tempo passava e isso não acontecia. Até existia uma evolução, mas o que deveria ocorrer em uma semana, se dava em seis meses, por exemplo. Então insistimos nessa busca por um diagnóstico correto", relembra Ney Augusto.

O casal revela que Neyzinho começou a estudar, e foi a equipe da escola que voltou a incentivá-los na busca por acompanhamento profissional. "Muitas vezes o Neyzinho precisava de uma atividade escolar adequada, mas como a escola adequaria sem termos o laudo? "Então fui chamada para uma reunião onde tive uma conversa franca. Decidi ir ao 8º médico, com todos os exames e informações 'mastigadas'. Já saí com o laudo: autismo intermediário, que necessita de uma intervenção mais categórica em alguns aspectos", expõe Anna.

Depois de velejar por águas incertas, os pais lembram o impacto da notícia e falam da nova tempestade que tiveram que enfrentar. "Foi aquela sensação do mundo cair, se perguntando o que fazer, por onde ir... E iniciamos o método Denver, só que numa qualidade bem inferior ao necessário. Veio a nossa segunda luta: encontrar uma clínica capacitada. Nos deparamos com muitas que não tinham qualidade no serviço. Passamos por cerca de cinco, e em uma delas vivi um episódio muito triste: ligaram a furadeira na hora da anamnese e o meu filho entrou em crise. Nunca tinha acontecido isso, foi horrível. Na ocasião o profissional que estava comigo não fez nada. Peguei o Neyzinho e fui embora", ressalta a mãe.



ENFIM, UM PORTO SEGURO

"Não víamos o desenvolvimento acontecer. Um divisor de águas para nós foi encontrar a CLIAP - Centro Terapêutico e Pedagógico para Crianças e Adolescentes com Deficiência. O que aconteceu depois de um mês, após iniciarmos a intervenção ABA foi incrível. Ele começou a ter uma real evolução", pontua o pai.

Mas o que é a ABA? Liz Amaral, analista de comportamento e supervisora ABA na CLIAP, explica. "A ABA é uma ciência baseada em 7 dimensões cujo objetivo é modelar o comportamento, reduzindo os inadequados e aumentando os socialmente aceitos, digamos assim. Sempre baseado na criança, comparando ele com ele mesmo. Através dessa modelagem de comportamento, a gente quer atingir os marcos esperados para a idade. O autismo está ali, mas antes dele existe uma criança", reforça.

A terapeuta salienta que a qualidade de vida não é apenas para o paciente. "Essa melhoria é para toda a família. Aqui na CLIAP acolhemos todos, inclusive com espaço de coworking para trabalhar, cantina, treino parental, visita mensal, psicólogos. Somos referência em acompanhamento com terapia ABA", fala Liz Amaral.

A mãe narra que descobriu a CLIAP por acaso. "Costumo dizer que foi Deus. Estava passando pela Clínica, vi e entrei com a pretensão do Neyzinho fazer terapia ocupacional na unidade. Coloquei o nome na lista e fiquei insistindo por uma vaga. Consegui um horário não muito cômodo e iniciei a jornada dele na Clínica. Certa vez, a Jordilene, coordenadora de Terapias Convencionais, falou do ABA e que estava vindo uma nova equipe", relata Anna Carla.

A tempestade foi superada e o sol voltou a iluminar a vida do casal. Anna conta que nas primeiras semanas do acompanhamento, Neyzinho já apre-

sentava um comportamento equilibrado e avanços. "As outras terapias eram como se fossem sempre os mesmos mecanismos. A intervenção ABA está sempre acompanhando a evolução da criança, as metas batidas e avaliando os próximos passos", enfatiza.

Sobre a intervenção ABA, a terapeuta Liz Amaral reforça que são mais de 50 anos de pesquisa na área. "Olhamos para a criança como um

todo, não apenas para o autismo em si. Não falamos nem que é um tratamento, pois não é uma doença para ser tratada. É uma intervenção baseada em ABA, porque é uma ciência, são evidências, considerada o padrão ouro de intervenção dentro de pessoas com autismo. No que difere das demais terapias, a ABA é intensiva, trabalha com as 7 dimensões, é tecnológica, aplicável e cientificamente comprovada. Não é

um método, é uma ciência", esclarece.

Uma ciência que transformou a vida do Neyzinho e de toda a sua família, trazendo a segurança de um barco ancorado, um verdadeiro porto seguro. "Hoje digo que estamos no caminho certo, contentes com a intervenção ABA no Neyzinho. Vejo um futuro independente para o meu filho, ou o mais próximo disso possível", finaliza a mãe.



CLIAP

A CLIAP é uma clínica de terapias avançadas completa para crianças, adolescentes e adultos, que atua em Natal há mais de 10 anos, fundada e liderada pela Dra. Mauricelia Lopes, que conta com profissionais qualificados prontos para promover assistência terapêutica especializada e humanizada.

A empresa nasceu como uma clínica multidisciplinar e se tornou cada vez mais especializada, contando hoje com unidades e abordagens voltadas para o público infantil e para o público adulto.

Com atuação transdisciplinar e consciência de valor humano, a CLIAP é feita por pessoas que têm na essência o acolhimento, a segurança e, acima de tudo, o amor em tudo que faz, para proporcionar bem-estar e satisfação para os pacientes em todos os momentos e em cada uma de suas 3 unidades:

Unidade Adulto e Infantil: Rua Maxaranguape, 920, Tirol, Natal/RN
Unidade Pélvica: Av. Rodrigues Alves, 800, Tyrol Business Center, Sala 1102, Tirol, Natal/RN
Casa Terapêutica Infantil: Rua Conselheiro Morton Farias, 1439, Lagoa Nova, Natal/RN

A CLIAP atende particular e os planos de saúde Unimed, Amil, Caixa Saúde, Cassi, GEAP, Humana Saúde, Petrobras, Exército (FUSEX) e Fachesf.

Conheça uma das unidades e perceba o lugar em que vidas são transformadas.

(84) 2030-4030 (WhatsApp)
cliap@cliapnatal.com.br
www.cliapnatal.com.br